

Ex-prisioneiros dos BA's chegam a Maputo

N. 20/12/86

• Prepara-se repatriamento de quem quiser partir

O Ministro da Cooperação do nosso País, Jacinto Veloso, encontrou-se ontem à noite, no Hotel Rovuma, em Maputo, com 57 cidadãos estrangeiros que estiveram sob cativeiro dos bandidos armados durante vários meses. Entre aquele número, 14 são crianças com idades inferiores a seis anos.

Eles chegaram à capital do País provenientes do Malawi, a bordo de um avião das LAM, que transportou a delegação oficial de Moçambique às conversações da Comissão Mista de Segurança com o Malawi.

Ao encontrar-se com aqueles indivíduos, na presença de Paulouro das Neves, Embaixador de Portugal em Maputo (a maioria são pessoas de

nacionalidade portuguesa), o Ministro Jacinto Veloso afirmou:

— São absolutamente livres de escolher para onde desejam ir. Podem ficar em Moçambique, viajar para Portugal ou para qualquer outro país. O Governo moçambicano garante-vos o maior apoio possível, incluindo tratamento e cuidados médicos. Tudo o que precisarem, poderão contactar com o funcionário do Ministério destacado para apoiar-vos.

De acordo com uma fonte da Embaixada portuguesa, alguns dos indivíduos trazem problemas de saúde. A maior parte precisa de roupa. Eles queixaram-se de que ficaram sem a melhor parte dos seus haveres duran-

te o tempo em que estiveram prisioneiros dos bandidos armados.

O Ministro Jacinto Veloso disse que tinha estado em contacto com o Embaixador Paulouro das Neves. Este diplomata afirmou depois que os portugueses que desejarem seguir para Lisboa, poderão fazê-lo no voo da próxima terça-feira, o que permitirá aos mesmos passar a quadra do Natal com os seus familiares.

Falando em nome do Governo moçambicano, o Ministro Jacinto Veloso disse que aqueles cidadãos que pretendem ficar alguns dias em Maputo, antes de seguirem o destino por eles escolhido, poderão fazê-lo. O grupo de indivíduos, que estiveram sob cativeiro dos bandidos ar-

mados, é constituído por portugueses, paquistaneses, cabo-verdianos e mauricianos.

Todos eles apresentam elevados sintomas de debilidade e de sofrimento. Alguns disseram que passaram fome, estiveram sujeitos a doenças sem tratamento e foram obrigados, sob ameaça de morte, a percorrer longas distâncias a pé, mudando constantemente de um local para o outro. Peio menos três pessoas perderam a vida no cativeiro.

— Acho que não preciso de falar muito para entender que estava mergulhado num grande sofrimento. Não tínhamos alimentação, as nossas crianças passaram fome, as mulheres, algumas delas grávidas, sem assistência médica. Enfim... são coisas que não dão nem para recordar — disse António Maria Sobral, cidadão português de 45 anos.

António Maria Sobral fora capturado pelos bandidos armados em Caia, na província de Sofala, juntamente com a sua esposa, Manuela Bolacha, e três filhos menores. Desde 16 de Dezembro do ano passado estiveram prisioneiros.

Durante 12 dias Sobral fez uma marcha forçada até à Gorongosa, onde permaneceu cinco meses. Depois, juntamente com a família e outros raptados, foi obrigado a emprender outra marcha forçada até ao Ndoro e depois até ao Luabo. Daqui, foi obrigado a deslocar-se, ainda em marcha forçada, até Morrumbala.

Leopoldina Silva, raptada com o seu marido no Luabo há 17 meses e que ficou viúva no cativeiro, havia sido dada como morta pelos seus familiares. Disse que estava ansiosa por chegar a Portugal e reencontrar-se com o filho, que já fez vários telefonemas para Maputo, para saber da mãe.

José Godinho Pereira Soares, capturado na mesma ocasião com a mulher e filhos menores, disse que tinha havido muita falta de assistência médica durante o cativeiro.

— Andámos sempre de um lugar para o outro e o nosso último acampamento foi Morrumbala — afirmou Pereira Soares, que também chegou ontem a Maputo, na companhia dos seus familiares.



Alguns dos prisioneiros dos bandidos armados fotografados ontem à noite no átrio do Hotel Rovuma, em Maputo